

Lágrimas e muita emoção na despedida

ESTELA LANDIM
Enviada Especial

Se foi possível conter as lágrimas, um nó ficou preso na garganta, nos momentos de intensa emoção que marcaram o cortejo fúnebre do presidente Tancredo Neves em São Paulo. O primeiro deles exatamente às 9h30m quando o caixão, coberto pela bandeira nacional, apareceu no portão do Instituto do Coração. Os aplausos explodiram e não houve quem não sentisse um arrepio. No cordão de isolamento, o soldado desprende o braço para poder enxugar as lágrimas. A multidão começa a cantar o Hino Nacional, mas não chega ao fim e o nome de Tancredo é ouvido aos gritos. "Queremos nosso Presidente". "Queremos ver Tancredo", pede o povo, enquanto o caminhão do corpo de bombeiros sai lentamente para ganhar as ruas, onde milhares de brasileiros homenageiam, pela última vez, o seu Presidente que não chegou a tomar posse.

O povo que não viu o seu Presidente subir a rampa do Palácio do Planalto, queria carregá-lo, chegar perto, vê-lo, tocar para acreditar que realmente estava morto. O forte aparato policial não conseguiu deter a vontade daquela gente que sofreu com Tancredo na sua longa agonia. O cortejo mal acabara de entrar na avenida Rebouças e a multidão o alcançava, furando o cerco policial, tomando conta do caminhão. O carro que conduz D. Risoleta é protegido pela segurança porque o povo também quer lhe demonstrar, de perto, a sua solidariedade.

São 12 quilômetros do trajeto até o Aeroporto de Congonhas e não há um metro sequer sem pessoas que se acotovela aos longo das avenidas. A pé, junto ao caixão, segue outra multidão cantando, gritando, chorando. Faixas, bandeiras, flores. Depois de muitos dias de frio e garra, fazia calor em São Paulo, mas tinha gente que nem parecia sentir o cansaço. Crianças carregadas nos ombros, homens e mulheres de bicicletas e centenas de motos.

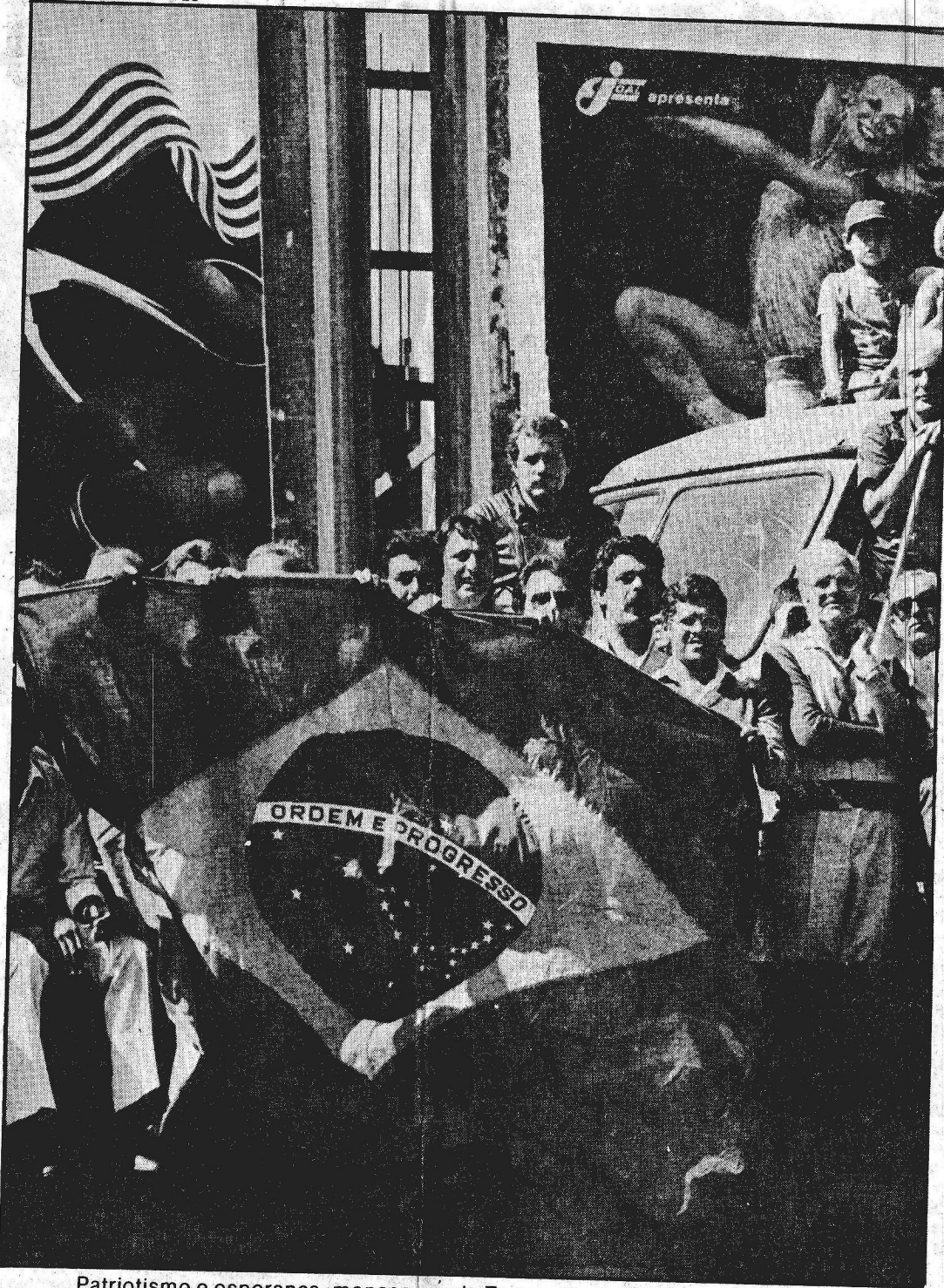
Cansada, a moça carrega os sapatos vermelhos na mão. Na porta da mansão, de avental, a empregada e a patroa choram segurando bandeiras de papel. Toda vestida de roxo uma velhi-

nha reza parada na calçada. Um grupo de jovens puxa palavras de ordem, misturadas com o Hino Nacional. Uma enorme bandeira do Partido Comunista do Brasil se mistura às bandeiras verde-amarela, às faixas pintadas com frases do presidente Tancredo em sua campanha.

O cortejo continuava seguindo lentamente. Os carros oficiais, mais de 70, levando os familiares, os governadores Franco Montoro e Hélio Garcia, Dom Paulo Evaristo Arns e uma grande quantidade de políticos, assessores, amigos, em certo momento se perderam em meio ao cortejo, porque os 1.500 homens da Polícia Militar não conseguiram manter a organização como pretendiam. Eles também estavam um tanto perdidos, misturados à multidão.

Quando o carro do corpo de bombeiros apontou chegando ao aeroporto, milhares de pessoas ansiosas aguardavam há horas pelo Presidente. Primeiro, na frente, chegou um novo boneco de Tancredo e mais uma vez os aplausos explodiram. Preocupada com a grande massa, a polícia, inclusive o batalhão de choque, ensaiam manobras para conter a multidão e deixar o caminho livre para o cortejo, mas não foi fácil.

O caminhão se aproximou trazendo o corpo do presidente Tancredo. O momento é envolvido em forte emoção. Primeiro as palmas, depois os lenços brancos ou as mãos no aceno de despedida. A confusão aumenta, a Polícia não consegue manter o cordão de isolamento. Pessoas saem machucadas, crianças perdidas, empurradas, empurra. Mas a cena é inesquecível. Soluçando, um homem de 40 anos chama os médicos de "assassinos": "Eles não poderiam ter feito isso com o meu Presidente". Um jornalista comenta do lado: finalmente vou poder usar a expressão "emoção popular". Realmente foi isso que a morte do presidente Tancredo Neves provocou. Depois de 38 dias de sofrimento, de uma agonia que parou o País, o anúncio da morte era esperado a qualquer momento e o povo recebeu a notícia sem desespero. Lamentou, chorou, mas soube também reconhecer que nem tudo estava perdido.



Patriotismo e esperança, mensagens de Tancredo, viraram bandeira do povo



Comovidos, com cartazes e faixas, os paulistas se despediram de Tancredo